

APRESENTAÇÃO

Ângela Fabíola Alves CHAGAS
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Antonio Almir Silva GOMES
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Zoraide dos Anjos Gonçalves da Silva VIEIRA
Universidade Federal de Roraima (UFRR)

A concepção de língua como elemento vivo (Bakhtin, 1981) permeia os estudos linguísticos, já que verdadeira. É exatamente essa natureza viva da língua que se mostra quando observada pela Linguística Antropológica em sua relação com culturas; quando se assume em Sociolinguística sua natureza variável e mutável; quando se assume nessa mesma área de estudos seus contatos permanentes com outras línguas. Essa concepção de língua como elemento vivo também se mostra quando consideramos a criatividade linguística, seja do ponto de vista da aprendizagem e da aquisição de uma determinada língua, seja do ponto de vista do sistema; ainda, quando voltamos o olhar da Linguística para os ajustes permanentes de sentidos realizados na e pela língua.

Sendo a língua um elemento vivo, sobretudo ao estabelecer contato com outra língua, considerando-se que nenhum contato é neutro, presume-se que se estabelecerá entre ambas relações conflituosas. Essas relações conflituosas refletem as relações de poder instauradas entre os usuários, portanto, língua e poder imbricados nos termos de Foucault (1979).

Com isso em mente, no presente dossiê, buscamos chamar a atenção exatamente para as relações instauradas entre línguas, particularmente no contexto da Amazônia Brasileira. Usamos para tal fim o termo multilinguismo, por nós entendido de maneira ampla como representativo de coexistência de línguas num mesmo espaço envolvendo qualquer de seus domínios intra e/ou extralinguísticos e de usos. Nada mais oportuno

tratar desse tema quando se pensa a região mencionada, grande exemplar global da diversidade em todas as suas faces humanas e não humanas, animadas e não animadas, visíveis e invisíveis. Em suas dezenas de línguas indígenas das mais variadas filiações genéticas e até mesmo não indígenas trazidas por imigrantes, a Amazônia Brasileira constitui-se grandiosa, também, pelos fenômenos linguísticos gerados exatamente nas infinitas relações instauradas. Nesse contexto, Multilinguismo evoca a língua enquanto estrutura, bem como os usos caracterizados no lugar, no contexto, no tempo, no próprio sujeito. Conforme veremos, os artigos do presente dossiê, discutem algumas dessas questões.

Ângela Fabíola Alves CHAGAS e Lúcia M. S. CUNNINGHAM, em artigo intitulado “O Povo Wai Wai e o Multilinguismo entre os Indígenas do Território Wayamu”, discutem “o contexto multilíngue dos diversos povos indígenas que habitam o Território *Wayamu*, na fronteira do Brasil (PA, AM e RR) com a República da Guiana – falantes em sua maioria de línguas da família Karíb, mas também de línguas Aruák, além do português e do inglês”. As autoras apresentam breve histórico do contato da população Wai Wai com populações não-indígenas, assim como seu “histórico de migrações, seu histórico de relações interétnicas, seu processo de conversão religiosa cristã” e, até mesmo, a definição do nome deste povo. As discussões apresentadas ao longo do artigo apontam para o status de língua franca Wai Wai no contexto dos povos indígenas do Território *Wayamu*, estando a presença e uso da mesma sujeitos a condicionantes contextuais.

Antonio Almir Silva GOMES, por sua vez, discute multilinguismo, enquanto realidade amazônica, como tema necessário à sala de aula da Educação Básica, seja de um ponto de vista do sistema nacional de ensino não indígena, seja de um ponto de vista do sistema de Educação Escolar não-Indígena. Conforme o título do artigo sugere, “Por um sistema amazônico de educação escolar multilíngue”, o autor argumenta em favor de práticas voltadas ao tema de maneira sistematizada, como parte integrante de políticas públicas que envolveriam, por exemplo, a ampliação das políticas de co-oficialização de línguas, assim como a promulgação de dia do multilinguismo na Amazônia e o reconhecimento da face canibal do PB frente às demais línguas com os quais estabeleça contato. Como efeito de tais práticas, GOMES considera a instauração de modelos de

ensino de línguas na Amazônia baseados no que denomina interculturalidade e decolonialidade reversas.

Em “A língua geral amazônica no Grão-Pará cabano: revisitando conceitos”, Welton Diego Carmim LAVAREDA discute, de um ponto de vista histórico, questões concernentes à Língua Geral Amazônica do período da Cabanagem. Para o autor, a situação dessa língua, assim como “determinados aspectos de sua evolução, foram engendrados em um cenário de numerosas manifestações linguísticas por onde circulavam diferentes povos, que mantinham relações amistosas ou bélicas”; incluiu-se no mesmo cenário a língua portuguesa, tomada então como “língua de oposição à identidade linguística indígena”. As discussões propostas pelo autor apontam para um caráter de crioulização dessa língua em sua essência.

No artigo “Multilinguismo e políticas linguísticas: o caso dos Warao em Belém”, Deywela Thayssa Xavier da SILVA e Ana Paula Barros BRANDÃO tratam de perfil sociolinguístico da população Warao, originária da Venezuela e que, por diversas questões humanitárias, inclusive, encontram-se em solo brasileiro. A considerar especificamente os Warao que vivem nas cidades de Belém e Ananindeua, ambas no estado do Pará, as autoras discutem questões relacionadas ao multilinguismo e às políticas linguísticas destinadas a essa população. Ao longo das discussões, as autoras fazem o seguinte questionamento: as políticas linguísticas/educacionais voltadas para os povos originários do Brasil também se aplicam aos indígenas venezuelanos que atualmente vivem no Brasil? Do ponto de vista educacional, dentre outras questões, as autoras assumem que “apesar do status da língua ser vigorosa na Venezuela, com a migração para o Brasil os Warao enfrentam dificuldades para manter sua língua viva, pois o contato com a cidade e o ensino nas escolas não proporcionam o uso e ensino da língua desse povo”. Como contraponto a essa realidade, SILVA e BRANDÃO discorrem sobre um conjunto de ações realizado conjuntamente entre distintas instituições do estado do Pará.

Sâmela Ramos da SILVA MEIRELLES, em artigo intitulado “Do deslocamento de línguas à retomada linguística no Baixo Tapajós: desestabilizando a ideia de monolinguismo”, “discute o processo de retomada de línguas indígenas no Baixo Tapajós, oeste do estado do Pará, como um projeto político que desestabiliza um ideal monolíngue em português”. Nesse sentido, conforme a autora, “políticas de retomada implementadas por diversos povos, como os povos do Baixo Tapajós, têm contribuído

com o questionamento de “atestados” de extinção de línguas, mas sem que o processo histórico de deslocamentos linguísticos seja negado”. As discussões apresentadas por SILVA MEIRELLES, que envolvem aspectos da colonialidade e da subalternização de línguas indígenas confrontados com processos de retomada das línguas, como no caso Munduruku e Nheengatu, constituem-se extremamente relevantes exatamente no sentido de nos permitir questionar, de várias perspectivas, o lugar e o papel do PB frente às línguas indígenas brasileiras e vice-versa.

Para além dos artigos que compõem o dossiê, o presente número da Revista contém três artigos de sessão livre. No primeiro, intitulado “Reflexões sobre o uso da letra “F” como neologismo no contexto de jogos online: da origem aos contextos atuais de uso”, Marcelo Eduardo Rodrigues OKAZAKI, ao chamar a atenção para o uso dessa letra portando as características tradicionalmente atribuídas à palavra, contribui com discussões contemporâneas para esse fenômeno linguístico que encontra, certamente, nos meios digitais campo fértil; ao mesmo tempo, contribui para novas questões da morfologia. As discussões do artigo são potencialmente interessantes quando se pensa o léxico, a morfossintaxe de um ponto de vista do uso, das formas e também das abordagens linguísticas.

Em “A língua é viva: um caso de neologismo na sala de aula de uma escola do campo”, Ecília Braga de OLIVEIRA discute formas distintas de uso da palavra *égua* identificadas em um grupo discente de uma escola de Educação Básica localizada na região do Marajó no estado do Pará. Trata-se de discussão com escopo na vitalidade da língua em seus contextos de usos locais que, por certo, contribuem com discussões amplas voltadas às distintas formas do Português Brasileiro.

No terceiro artigo, intitulado “Borges, Gödel y etnolingüística o una prueba lógico-literaria de la incompletitud de los lenguajes recursivos”, Jorge Alejandro SANTOS, Santiago Gariel DURANTE e Lucí dos Santos BERNARDI tratam de “algunas cuestiones de interés filosófico a partir de la propuesta de Martínez y Piñeiro de un programa de computación que, por medio de un algoritmo basado en el método de las diagonales de Cantor, podría generar una biblioteca de Babel magnificada, emulando la biblioteca imaginada por Borges en su texto homónimo”. Ao longo do artigo, a considerar questões linguísticas e culturais de línguas indígenas, os autores problematizam a proposta acima mencionada, corroborando discussões interessantes capazes, inclusive, de

ultrapassar as questões filosóficas, por exemplo, adentrando nas questões sintáticas, de criatividade linguística, etc.

No que confere ao conjunto dos artigos temáticos do dossiê, se observa que ainda há muito a ser conhecido do ponto de vista linguístico da / na Amazônia nos termos das relações multilíngues implicadas entre as línguas. É latente, por exemplo, o escopo dos artigos nas línguas indígenas, o que reflete a tradição linguística de pesquisadores de universidades públicas amazônicas nestas línguas. Do ponto de vista da ausência, esta é latente quando se consideram estudos com escopo em outras línguas, inclusive, envolvendo suas relações com o Português Brasileiro (PB).

Pensado do ponto de vista quantitativo, o número de artigos que compõem o presente dossiê, dentre outros, pode ser interpretado como indicativo de número reduzido de pesquisadores da / na Amazônia cujas pesquisas tenham-se voltado para temas inerentes ao multilinguismo em suas múltiplas formas. Chamar a atenção para esse número é necessário no sentido de que se deve criar nas universidades amazônicas contextos e mecanismos que permitam alterá-lo positivamente. Pesquisas relacionadas ao tema são urgentes ao considerarmos que ainda precisamos conhecer os mecanismos que o caracterizam nesta parte do globo, assim como tais conhecimentos podem contribuir com políticas públicas das mais variadas, por exemplo, num contexto como descrito por Silva e Brandão (neste dossiê) em que o acolhimento linguístico tem-se tornado cada vez mais latente, ou mesmo, com as questões de ensino de línguas.

É nesses múltiplos contextos que o presente dossiê se insere, apresentando as questões de cada um dos artigos que o compõem, assim como também chamando a atenção para temas que ainda precisam ser abordados nos contextos dos multilinguismos da / na Amazônia seja de um ponto de vista do indivíduo / usuário, seja de um ponto de vista de comunidades de fala. Conforme assumimos ainda na concepção do tema do dossiê, tais estudos podem contribuir para um melhor entendimento de questões relacionadas às línguas indígenas brasileiras, que estabelecem entre si relações próprias, mas também para discussões e rótulos tais como português afro-indígena (LUCCHESI, BAXTER, RIBEIRO, 2009; CAMPOS, 2014); português língua de acolhimento (GROSSO, 2010; BIZON, DINIZ, 2018); português brasileiro em uso por populações indígenas (GOMES, 2018); multilinguismos individuais (COOK, 2002) ou de pequena escala (LÜPKE, 2016); multilinguismos sociais (GUMPERZ 1964; EPPS, 2021;

STENZEL, WILLIAMS, 2021); multilinguismos e Educação Escolar Indígena e/ou não Indígena (AMARAL, 2001; BAKER, 2006; GOMES, BARBOSA, FERREIRA, 2020; GOMES, FERREIRA, 2020).

O entendimento dos multilinguismos da / na Amazônia, portanto, interessa às ciências linguísticas, incluídas as aplicadas, mas também a agentes públicos envolvidos cada vez mais em situações de imigração em massa que, em conjunto com as questões das línguas indígenas e do PB, geram ao menos três microcenários distintos de contatos e de multilínguas: as línguas de imigrantes, as línguas indígenas e o PB diante destas. Adicione-se a tais microcenários as zonas transfronteiriças geopolíticas e econômicas com suas relações de poder das mais variadas cuja implicação direta envolve as línguas em situações de prestígio, de estigmatização, de minorização.

Os estudos dos multilinguismos da / na Amazônia, seja a partir das línguas indígenas ou do PB, seja a partir de outras línguas, nos permitem compreender de antemão a inter-relação inerente às línguas e seus usuários com outras línguas, num cenário em que línguas contêm vozes de outras (línguas) (BAKHTIN, 1992). Sendo vivas, permeadas por relações de poder, comportam-se como todos os outros vivos, com ciclo de vida e de morte. Língua é um ecossistema cuja renovação envolve outras línguas, tendo nas relações multilíngues instauradas entre seus sujeitos usuários parte importante de sua energia vital. Formas de como esse processo tem-se dado na Amazônia são refletidos nos artigos do presente dossiê, devendo outras serem ainda conhecidas na medida em que avancem os estudos linguísticos da / na Amazônia voltados ao tema.

Boa leitura.

Organizadores.

REFERENCIAS

AMARAL, L. **Bilinguismo, Aquisição, Letramento e o Ensino de Múltiplas Línguas em Escolas Indígenas no Brasil**. Cadernos de Educação Escolar Indígena, v. 9, p. 13-32, 2011.

BAKER, C. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

BAKHTIN, M. **The dialogic imagination: four essays**. Austin University Press, 1992.

BAKHTIN, M (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BIZON, A. C. C; DINIZ, L. R. A. (Orgs). **Revista X: Dossiê Especial Português como Língua Adicional em contexto de minorias. (Co)construindo sentidos a partir das margens**. Curitiba: v.13, n.1, p.35-56, 2018.

CAMPOS, E. A. **A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena de Jurussaca: uma contribuição para o quadro da pronominalização do português falado do Brasil**. Tese de doutoramento – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2014.

COOK, V. J. (ed.). **Portraits of the L2 user**. Clevedon: Multilingual Matters, 2002.

EPPS, P. **Diversifying multilingualism: Languages and lects in Amazonia**. International Journal of Bilingualism, 25(4), 901–920, 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GOMES, A. A. S. **Educação escolar indígena e educação escolar não indígena: ponto de convergência**, o PB. Revista Brasileira de Línguas Indígenas. Macapá-AP, v. 1. N. 1, 2018, p. 103-115.

GOMES, A. A. S.; BARBOSA, J. O.; FERREIRA, I. V. B. **Do bilinguismo ao multilinguismo: um caminho para a escola indígena diferenciada**. CADERNO DE LETRAS (UFPEL), v. 36, p. 275-292, 2020.

GOMES, A. A. S.; FERREIRA, I. V. B. **Panorama dos estudos linguísticos no Tumucumaque**. LIAMES, v. 20, p. e020016-20, 2020.

GROSSO, M. J. **Língua de acolhimento, língua de integração**. In: Horizontes de Linguística Aplicada, v. 9,n.2, p. 61-77, 2010.

GUMPERZ, J. J. **Linguistic and social interaction in two communities**. American Anthropologist 66, 1964.

LUCCHESI, D; BAXTER, A; RIBEIRO, I. **O português afro-brasileiro**. Salvador-BA: EDUFBA, 2009.

LÜPKE, F. Uncovering small-scale multilingualism. *Critical Multilingualism Studies*, 4(2), 35–74, 2016.

STENZEL, K. S.; WILLIAMS, N. **Toward an interactional approach to multilingualism: Ideologies and practices in the northwest Amazon**. *LANGUAGE & COMMUNICATION*, v. 80, p. 136-164, 2021.